



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA FRANCISCO
AOS PARTICIPANTES NO ENCONTRO PROMOVIDO
PELA FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
SOBRE «JUSTIÇA AMBIENTAL E MUDANÇAS CLIMÁTICAS»**

*Sala Clementina
Sexta-feira, 11 de Setembro de 2015*

[Multimídia]

Ilustres Senhores e Senhoras, bom dia e sede bem-vindos!

Agradeço ao Doutor Ronchi e ao Doutor Caio por ter introduzido este nosso encontro; e agradeço a todos vós por terdes colaborado neste Meeting internacional, dedicado a um tema cuja importância e urgência não são exageradas. O clima é um bem comum, hoje gravemente ameaçado: é quanto indicam fenómenos como as mudanças climáticas, o aquecimento global e o aumento dos fenómenos meteorológicos extremos. Trata-se de temas que são objecto de grande atenção por parte dos massmedia e da opinião pública, e à volta dos quais estão a decorrer acalorados debates científicos e políticos, que fizeram sobressair de forma gradual um consentimento difuso, embora não unânime.

Porquê e como ocupar-nos disso? Não podemos esquecer as graves implicações sociais das mudanças climáticas: são os mais pobres que padecem com maior dureza as consequências! Por este motivo — como justamente evidencia o título deste Meeting — a questão do clima é uma questão de justiça; e também de solidariedade, que nunca deve ser separada da justiça. Está em jogo a dignidade de cada um, como povos, como comunidade, como mulheres e homens.

A ciência e a tecnologia põem nas nossas mãos um poder sem precedentes: é nosso dever, em relação à humanidade inteira e, em particular, em relação aos mais pobres e às gerações futuras, utilizá-lo para o bem comum. Será que a nossa geração conseguirá «ser lembrada por ter

assumido com generosidade as suas graves responsabilidades»? (Enc. *Laudato si'*, 165). Mesmo entre as numerosas contradições do nosso tempo, temos razões suficientes para alimentar a esperança de conseguir fazê-lo. E devemos deixar-nos guiar por esta esperança. Ao cumprir este compromisso, desejo que cada um de vós experimente o gosto de participar nas acções que transmitem vida. A alegria do Evangelho também consiste nisto.

De que forma podemos exercer a nossa responsabilidade, a nossa solidariedade, a nossa dignidade de pessoas e cidadãos do mundo? Cada um é chamado a responder pessoalmente, na medida que lhe compete com base no papel que desempenha na família, no mundo do trabalho, da economia e da pesquisa, na sociedade civil e nas instituições. Não exibindo receitas: ninguém tem! Mas oferecendo o que compreendeu ao diálogo e aceitando que a própria contribuição seja posta em questão: a todos é exigido um contributo em vista de um resultado que só pode ser fruto de um trabalho comum. O grande inimigo aqui é a hipocrisia.

O vosso Meeting representa justamente um exemplo da prática deste diálogo, que na Encíclica *Laudato si'* propus com única via para enfrentar os problemas do nosso mundo e procurar soluções deveras eficazes. Parece-me um sinal de grande importância, até providencial, que neste Meeting participem representantes de relevo de «mundos» diversos: religião e política, actividade económica e pesquisa científica em vários sectores, organizações internacionais e as que estão comprometidas na luta contra a pobreza.

Para dar fruto, este diálogo deve inspirar-se numa visão tanto transparente quanto ampla, e proceder segundo uma abordagem integral, mas sobretudo participativa, incluindo todas as partes em causa, também as que mais facilmente ficam à margem dos processos institucionais. Dirijo a todos um convite sincero a realizar todo o esforço possível a fim de que nas mesas onde se procura o modo para resolver a única e complexa crise socioambiental, os mais pobres, entre os países e os seres humanos, possam fazer ouvir a própria voz: este também é um dever de justiça ambiental.

Face à emergência das mudanças climáticas e com o olhar dirigido aos encontros cruciais que nos próximos meses deverão enfrentar — a aprovação dos Objectivos de desenvolvimento sustentável por parte das Nações Unidas no final deste mês e sobretudo a cop 21 de Paris em início de Dezembro — gostaria de propor que este diálogo se torne uma aliança autêntica para alcançar acordos ambientais globais realmente significativos.

Neste percurso podeis contar com o meu apoio pessoal e de toda a Igreja, a partir daquele, indispensável, da oração. Desde já ofereço ao Senhor o nosso esforço comum, pedindo-lhe que o abençoe para que a humanidade saiba finalmente ouvir o grito da terra — hoje a nossa mãe terra está entre os numerosos excluídos que imploram do Céu uma ajuda! A nossa mãe terra é uma excluída! —, também o grito da terra, nossa mãe e irmã, e dos mais pobres entre quantos a habitam, e cuidar dela. Deste modo, a criação aproximar-se-á cada vez mais da casa comum que

o único Pai imaginou como dom para a família universal das suas criaturas. Desça sobre todos vós a bênção de Deus. Obrigado.